

CAPÍTULO 1

MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CENTRO DE PESQUISA EM DESIGN E ERGONOMIA (CPqD) DA UEMG

Maria Daniele Pereira Casar
Iara Sousa Castro

1.1 INTRODUÇÃO

O Centro de Pesquisa em Design e Ergonomia (CPqD) foi fundado pelo professor Jairo José Drummond Câmara no dia 7 julho de 1993, em consonância com os cursos oferecidos pela instituição da qual fazia parte. Desde o início das atividades do CPqD, foram realizados projetos de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, acolhendo uma ampla gama de pesquisadores (bolsistas, professores e colaboradores) que promoveram relevante produção, com apresentações e publicações em eventos acadêmico-científicos no Brasil e no exterior. Ao longo de todos esses anos de existência, cerca de cinquenta professores fizeram parte desse centro de pesquisa, e alguns destes ainda compõem o corpo docente do Centro. Contudo, entre os anos de 2017 e 2019, o CPqD passou por uma mudança significativa no quadro de integrantes. Esse período foi marcado pelo desligamento de professores experientes e pela entrada de professores recém-nomeados na instituição. Essa alternância no quadro de docentes ocorreu em

virtude da conclusão de um concurso para professores promovido pela universidade e pela aposentadoria do professor fundador, Jairo José Drummond Câmara.

Nesse contexto, a atual equipe integrante é constituída por oito professores. Destes, cinco entraram em 2018. Cada professor possui uma formação específica, diversificando sobremaneira as competências e os domínios de conhecimentos. Nota-se a necessidade do coletivo de compreender o que já foi feito ao longo dos anos no CPqD, a fim de perceber os reflexos atuais da sua própria contribuição científica para o desenvolvimento da pesquisa de design, ergonomia e áreas afins.

Essa compreensão justifica-se por aproximar os pesquisadores do contexto de pesquisa em que estão inseridos, evidenciando a importância de se conservar a memória de tudo aquilo que já foi produzido no CPqD, a fim de compor um arquivo. Um movimento natural já ocorreu em função da mudança de endereço da Escola de Design, quando os integrantes do Centro de Pesquisa organizaram todo o material existente no ambiente, guardados em armários e gavetas sem nenhum tipo de identificação. Para a mudança de endereço, foi preciso pré-organizar o material, visando a transportá-lo para o novo ambiente para, em seguida, via projeto de pesquisa, proceder a uma organização metódica. Mesmo que não houvesse a mudança de endereço, tal organização não perderia sua relevância, uma vez que se tratava, antes de tudo, da construção e preservação da memória do CPqD. Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar dados coletados, até 2020, para a construção da memória do Centro de Pesquisa em Design e Ergonomia que integra parte da história da Escola de Design.

A memória é a maior fonte encontrada sobre acontecimentos, eventos, descobertas, vivências, pessoas e lugares do passado. É ela que faz a mediação entre história e presente/futuro. Para que a memória não seja perdida, é preciso registrar e guardar as informações que ela fornece e, para isso, existem vários “lugares de memória” (NORA, 1993). O lugar de memória que melhor cumpre as funções necessárias para a guarda da memória de um centro de pesquisa é o arquivo. Conforme Calderon (2013), o arquivo pode ser entendido como o lugar responsável por reunir, organizar e zelar pelos documentos produzidos e recebidos de uma instituição com o intuito de auxiliar as necessidades administrativas, culturais e científicas, garantindo a preservação dos direitos dos indivíduos e de suas memórias coletivas ligadas a essa mesma instituição.

Neste capítulo será feita uma breve introdução ao estudo da definição de memória, quais ações ela desencadeia e quais são seus possíveis usos e recursos. Partindo dessas informações, trataremos sobre a existência do arquivo, seus usos e funções e como esses dois elementos podem ser aplicados a um centro de pesquisa de uma universidade.

1.2 MEMÓRIA E ARQUIVO

A memória é a representação de tudo que já foi vivido em outro tempo, sendo lembrado no presente por meio de um novo olhar, repensado e ressignificado de modo a embasar as atitudes que serão tomadas de determinado ponto em diante. Ela é também a construção e a explicação dos fatos passados que regem os acontecimentos atuais e futuros (WEBER; PEREIRA, 2010; SIMIONI, 2016; ANSARA; DANTAS,

2015). A memória possui um tempo de vida limitado, com base na duração da vida dos indivíduos que a carregam; com isso, é facilmente perdida ou esquecida, fazendo-se necessário que os integrantes do grupo há mais tempo repassem as informações para os novos membros, de forma a manter sempre a memória viva no imaginário dos integrantes (HALBWACHS, 1968; NORA, 1993).

Outro ponto que interfere na existência da memória é o fato de que o repasse das informações muitas vezes causa distorções, como seleções de partes, alterações de conteúdo e esquecimentos parciais, podendo até mesmo sofrer influência do contexto atual, que possibilita transformar a informação e perder sua veracidade e identidade. A melhor alternativa para que isso não ocorra é que seja feita a materialização da memória, ou seja, que a memória seja escrita, fotografada, desenhada ou até mesmo esculpida, e, posteriormente, que seja arquivada. No momento em que se faz o registro e a seleção da memória, ocorre também uma análise crítica de tudo aquilo que está sendo anotado e guardado, tornando assim a memória capaz de suprir necessidades e responder possíveis dúvidas que poderão surgir (LOWENTHAL, 1998; MURGUIA, 2010; 2011).

A memória registrada e salvaguardada é denominada *memória arquivo*, ou seja, é a memória arquivada que mantém viva todas as experiências, documentos, ações e conhecimentos que foram desenvolvidos pela instituição ou pelo grupo de pessoas ao longo dos anos, e que representa o patrimônio documental arquivístico da organização. Essa memória será utilizada como fonte de pesquisa documental, compondo as regras e os padrões de conduta que regem a instituição. A memória arquivo é uma memória viva, uma vez que deve ser construída e mantida junto com o desenvolvimento e a produção da instituição. Assim, deve ser devidamente preservada e organizada, a fim de que haja uma conservação correta das informações (JARDIM, 1995; DO PRADO; DE SOUZA; COSTA, 2019; MOLINA; ARAKI, 2010).

Para garantir que as memórias registradas sejam guardadas e preservadas da maneira correta, sem se perder com o passar do tempo, existem os arquivos, um dos possíveis “lugares de memória”. Os arquivos promovem a organização e a preservação dos documentos, garantindo também o acesso de toda informação registrada ao público, evidenciando a história e a identidade do grupo ou instituição à qual o arquivo pertence (NORA, 1993; BARROS; AMÉLIA, 2009; MURGUIA, 2010; ALDABALDE; GRIGOLETO, 2016).

O arquivo como um lugar de memória é o suporte e o sistema que a transforma em elemento de identidade e representação da informação (ALDABALDE; GRIGOLETO, 2016). Os arquivos devem ser entendidos como “equipamentos coletivos de recuperação da informação” e estar sempre unidos a políticas de organizar e preservar documentos, tornando-se centros funcionais de proteção e divulgação de conhecimento (MURGUIA, 2010, p. 41). “Dessa forma, a função básica do arquivo é tornar disponíveis as informações que estão sob sua guarda no acervo documental” (BARROS; AMÉLIA, 2009, p. 57). Portanto, o arquivo oferece a todos os indivíduos a memória individual e coletiva do meio ao qual pertencem, salientando traços históricos e de identidade.

Tavares e Loureiro (2017) afirmam que o arquivo tem duas bases: a primeira faz referência à guarda e à preservação de documentos e de objetos, e a segunda trata de um espaço de saber, conhecimento e poder em que elementos da memória social são organizados e articulados “para conjurar a ameaça de desaparecimento do traço material” (DUTRA, 2013, p. 82). Define-se como função essencial do arquivo a guarda e a proteção de toda “evidência documentada” das atividades, operações, produtos e negócios realizados pela entidade que o mantém. Já a função cultural do arquivo pode ser definida como a proteção da memória e da identidade da organização (COOK, 1998, p. 142).

O arquivo se torna parte integrante da construção de identidade por manter e preservar a memória detentora das informações essenciais para essa construção. Nessa lógica, ele faz a custódia de documentos e relíquias do passado não apenas como elementos para observação, mas como elementos de estudos, de formação da história e da identidade. Assim, a memória guardada e protegida no arquivo evoca o passado, representa a busca e a pesquisa das origens e do início dos acontecimentos que guiaram até o presente (BARROS; AMÉLIA, 2009; DUPLA, 2018; MURGUIA, 2011).

Há uma riqueza de arquivos, documentos e suportes, porém poucos recursos arquivísticos, conforme Jardim (1995); isso simboliza a necessidade de avaliação dos documentos produzidos e recolhidos pelas instituições, a fim de delimitar o valor de cada um deles ao fazer uma seleção de quais são os de caráter permanente e quais são os de caráter temporal, além de delimitar quanto tempo deverão ser guardados.

Para que seja feita uma seleção correta e adequada dos documentos de arquivos, existe a “gestão de documentos”, que representa o

conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária, visando sua eliminação ou recolhimento. Também chamado administração de documentos. (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 100)

A gestão de documentos visa definir o ciclo vital destes, separando os que poderão ser eliminados, definindo a temporalidade de guarda e quais serão aqueles mantidos sob guarda permanente no arquivo. Com a devida separação dos diferentes tipos de documentos, o arquivo acaba por diminuir seu número bruto de itens, então existe uma economia de material a ser guardado e, conseqüentemente, de verba necessária para manter o arquivo, além de uma maior eficiência de organização e de manuseio dos documentos (RONCAGLIO; SZVARÇA; BOJANOSKI, 2004; MEDEIROS; AMARAL, 2010).

Após os documentos serem selecionados e devidamente arquivados, deixa de haver necessidade de que sejam lembrados. Muitas vezes, eles acabam esquecidos dentro dos arquivos, a menos que seja preciso consultá-los. Os documentos salvaguardados ainda correm o risco de serem esquecidos e até mesmo perdidos caso não haja uma

organização adequada no arquivo. Para evitar esse esquecimento, é preciso nomear, fichar e guardar os documentos de forma que não se percam em meio a tantos outros documentos mais recentes (COUGO JÚNIOR, 2019).

1.3 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo foi qualitativa do tipo descritiva. Conforme Cervo, Bervian e da Silva (2007), a pesquisa do tipo descritiva tem como base observação, registro, análise e correlação dos dados coletados com a realidade e, segundo Mascarenhas (2012), descreve as características e informações coletadas, fazendo uma relação com os demais pontos analisados. As técnicas de pesquisa utilizadas foram a revisão bibliográfica e a pesquisa documental.

A revisão bibliográfica consiste em buscar e estudar obras já publicadas sobre determinado assunto, como livros, artigos, teses, dicionários e sites, ou seja, materiais de fácil acesso. Essa revisão é realizada com o intuito de aproximar o pesquisador do assunto estudado, sendo fundamental que essa leitura seja feita visando o conhecimento (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007; KNECHTEL, 2014). A pesquisa documental é semelhante à bibliográfica, porém nesse tipo de pesquisa são utilizados documentos que não são estudos científicos, mas que trazem informações sobre o objeto de estudo (MASCARENHAS, 2012).

As fontes utilizadas tanto na revisão bibliográfica como na pesquisa documental não contêm informações de conhecimentos concluídos; é preciso fazer a análise dos dados para, então, se obter o conhecimento (KNECHTEL, 2014; CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007).

1.4 RESULTADOS

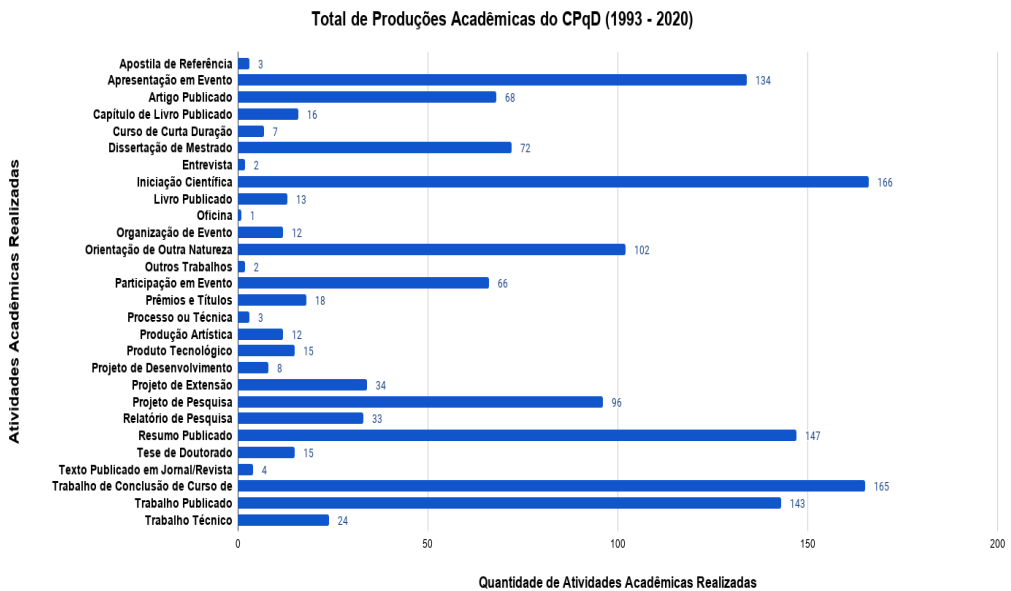
De acordo com o objetivo deste estudo, foram feitas uma busca e uma coleta de dados a fim de dar início à construção da memória do Centro de Pesquisa em Design e Ergonomia. A busca começou a partir de uma consulta por e-mail aos integrantes e ex-integrantes do CPqD, com o intuito de confirmar o período de atividade de cada um deles nesse centro de pesquisa. Após a obtenção dessa informação, foi desenvolvida uma pesquisa no currículo Lattes de cada integrante e ex-integrante do CPqD em busca dos títulos de pesquisas, monografias, projetos de extensão e demais atividades que foram desenvolvidas no CPqD desde sua fundação até o ano de 2020, quando esse levantamento de dados foi realizado. Durante a coleta de dados, as informações encontradas foram compiladas em planilhas com o intuito de obter a listagem completa de tudo que já foi produzido no centro de pesquisa, a fim de se contabilizar as diferentes atividades.

Foram detectados, inicialmente, 51 professores que fizeram parte do CPqD ao longo de todos os seus anos de existência, dentre eles professores que integraram o centro de pesquisa e professores que fizeram apenas colaborações pontuais no desenvolvi-

mento de projetos. Devido ao momento de pandemia da covid-19, não foi possível realizar o contato com todos os ex-integrantes do CPqD, tendo em vista que alguns deles já estavam aposentados e outros mudaram de cidade; assim, não foi encontrado nenhum meio de contato com esses ex-integrantes, que somam 18 dos 51 detectados anteriormente. Outros 10 professores contatados afirmaram que nunca integraram formalmente o CPqD, apenas atuaram em projetos isolados, dando algum apoio técnico necessário, ou fizeram parte desse centro de pesquisa ainda como alunos. Desse modo, restaram 23 professores integrantes e ex-integrantes do CPqD, com os quais foi realizado contato e obtido retorno. Com base na resposta recebida de cada um deles, foi feita a busca completa no currículo Lattes e toda a produção científica realizada no CPqD foi coletada.

Assim, foram identificadas 1.567 produções acadêmicas desenvolvidas no CPqD, distribuídas em diferentes atividades, conforme o Gráfico 1.1, elaboradas sob a coordenação de diferentes professores integrantes do centro de pesquisa. Os alunos envolvidos em todos os trabalhos foram devidamente identificados e creditados como coautores e colaboradores.

Gráfico 1.1 Quantitativo de produções acadêmicas do CPqD.



Fonte: elaborado pelas autoras (2020).

O quantitativo obtido e representado no Gráfico 1.1 faz referência apenas às produções acadêmicas desenvolvidas no período entre 1993 e 2020, ano em que a pesquisa foi realizada, uma vez que o CPqD ainda se encontra em funcionamento, desenvolvendo novas atividades a cada ano. Além disso, os dados quantitativos foram coletados apenas com 45,09% do total de integrantes e ex-integrantes do CPqD. Apesar de os

resultados desta pesquisa revelarem somente dados quantitativos, com a intenção de demonstrar a importância acadêmica do centro de pesquisa, sua relevância vai além dos números revelados, pois o desenvolvimento e a formação dos alunos que fizeram parte da história do CPqD não têm valor quantificável.

1.5 CONCLUSÕES

O levantamento e a listagem de tudo que já foi produzido, desenvolvido, apresentado e publicado por meio do CPqD contribui para construir sua memória e integrá-la à história da Escola de Design.

Por meio desta pesquisa, compreendeu-se o valor da memória. É possível mantê-la viva e disseminá-la na sociedade, assim como conservá-la por meio de seu arquivo, constituído com todas as informações identificadas como válidas e importantes de serem preservadas. A partir do referencial teórico, também foi possível compreender como deve ser feita a gestão documental no ambiente do arquivo a fim de mantê-lo completo, organizado e de conservar a integridade física dos itens que compõem o seu acervo.

Acredita-se que futuras pesquisas poderão ser executadas a partir desta pesquisa inicial para completar as informações do que já foi produzido e atualizar de forma contínua a produção científica que ainda prossegue, abrindo caminho também para que seja realizada a organização física e digital de todo o acervo do CPqD. É possível elaborar uma maneira diferente de dar continuidade ao que foi feito até o momento desta pesquisa, envolvendo todos os integrantes atuais, professores e alunos, para que ocorra uma construção social entre todos naturalmente. Essa construção social motiva uma maior consciência do grupo de pesquisa sobre o que já foi feito, o que está sendo realizado e, ainda, as diversas oportunidades que impulsionam as atividades que poderão ser desenvolvidas.

1.6 REFERÊNCIAS

- ALDABALDE, T. V.; GRIGOLETO, M. C. O traço da distinção: discutindo entendimentos sobre arquivos e memória. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, ano 2, v. 24, pp. 7-26, jul./dez. 2016.
- ANSARA, S.; DANTAS, B. S. A. Aspectos ideológicos presentes na construção da memória coletiva. *Athenea Digital: Revista de Pensamiento e Investigación Social*, Barcelona, ano 1, n. 15, pp. 207-223, mar. 2015.
- ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 pp.
- BARROS, D. S.; AMÉLIA, D. Arquivo e memória: uma relação indissociável. *TransIn-formação*, Campinas, ano 1, n. 21, pp. 55-61, jan./abr. 2009.
- CALDERON, W. R. *O arquivo e a informação arquivística: da literatura científica à prática pedagógica no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013. 229 pp.

- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 164 pp.
- COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos privados: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. Trad. Paulo Garchet. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, pp. 129-149, 1998.
- COUGO JUNIOR, F. A. A arte da destruição controlada: reflexões sobre avaliação arquivística e memória. *Informação & Informação*, Londrina, ano 1, v. 24, pp. 403-423, jan./abr. 2019.
- DO PRADO, S.; DE SOUZA, L.; COSTA, L. S. F. O papel da memória Institucional para a gestão universitária: contribuições para a consolidação da UMMA na UFSCar. *Informação & Informação*, Londrina, ano 3, v. 24, pp. 409-432, set./dez. 2019.
- DUPLA, S. A. O acervo documental na escola: preservando o passado. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, ano XVII, n. 201, pp. 68-77, fev. 2018.
- DUTRA, E. F. A memória em três atos: deslocamentos interdisciplinares. *Revista USP*, São Paulo, n. 98, pp. 69-86, jun./jul./ago. 2013.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Vertice, 1968. v. 189.
- JARDIM, J. M. A invenção da memória nos arquivos públicos. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 25, ed. 2, 1995.
- KNECHTEL, M. R. *Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada*. Curitiba: InterSaber, 2014. 200 pp.
- LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. Trad. Lúcia Haddad. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, pp. 63-201, nov. 1998.
- MASCARENHAS, S. (org.). *Metodologia Científica*. [S. l.]: Pearson, 2012. 127 pp.
- MEDEIROS, N. L.; AMARAL, C. M. G. A representação do ciclo vital dos documentos: uma discussão sob a ótica da gestão de documentos. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 16, ed. 2, pp. 297-310, jul./dez. 2010.
- MOLINA, L. G.; ARAKI, C. Centros de memória no ambiente digital: em foco a análise de empresas públicas e privadas. *Em Questão*, Porto Alegre, ano 1, v. 22, pp. 67-89, jan./abr. 2016.
- MURGUIA, E. I. Archivo, memoria e historia: cruzamientos y abordajes. *Íconos: Revista de Ciencias Sociales*, Quito, n. 41, pp. 17-37, set. 2011.
- MURGUIA, E. I. (org.). *Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus*. São Carlos: Compacta, 2010. 136 pp.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khouiry. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, n. 10, pp. 7-28, 1993.

- RONCAGLIO, C.; SZVARÇA, D. R.; BONJANOSKI, S. F. Arquivos, gestão de documentos e informação. *Encontros Bibli*, Florianópolis, 2. sem. 2004.
- SIMIONI, R. L. Arquivo, história e memória: possibilidades de diálogo entre Luhmann e Foucault. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 97, pp. 173-190, 2016.
- TAVARES, D. W. S.; LOUREIRO, J. M. M. Dispositivos de informação: arquivos, memórias e informação. *TransInformação*, Campinas, v. 29, ed. 1, pp. 73-80, jan./abr. 2017.
- WEBER, R.; PEREIRA, E. M. Halbwachs e a memória: contribuições à história cultural. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, ano 1, v. 3, pp. 104-126, jan./jul. 2010.

1.7 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (PAPq-UEMG) – Edital 06/2019 – PIBIC/PAPq/UEMG.

